

PIBID EM AÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE ALFABETIZAÇÃO NUMA TURMA DIVERSIFICADA

Rita dos Impossíveis Dutra de Paiva¹
Francisco Mateus Alexandre de Lima²
Profª. Ma. Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo³

Financiamento: PIBID/CAPES

RESUMO: Este trabalho discute o desafio de alfabetizar uma turma de quarto ano, na Escola Estadual João Godeiro - Patu/RN, integrante do Subprojeto PIBID/PEDAGOGIA/CAP/UERN. De acordo com Martins (2003), Saviani (1986), Lajolo (1997), Ferreiro (1991), reflete-se sobre o desafio de alfabetizar uma turma heterogênea, onde se destacam o problema de alunos que chegam ao quarto ano sem saber ler, e com níveis de aprendizagem bastante diferenciados. Essa questão revelou que o fato desses alunos estarem numa turma com faixas etárias diversificadas contribuía para a perda da autoestima, deixando-os retraídos e tímidos. A realidade detectada comoveu os bolsistas para inquirir sobre a questão em foco e definir estratégias, visando seguir um caminho que levasse em consideração as especificidades da turma. Assim, entende-se que o trabalho desenvolvido foi um desafio para o aluno na superação de suas deficiências de leitura e para o bolsista diante da possibilidade de adquirir novos saberes.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID. Dificuldades de leitura. Alfabetização. Faixa etária Diversificada.

INTRODUÇÃO

Um desafio que a escola continua a enfrentar no atual contexto social, ainda é a alfabetização das crianças nos anos de escolarização adequados à faixa etária, posto que, é um problema que não foi completamente sanado. Essa, ainda é uma questão que inquieta muitos profissionais da área educacional que se dedicam a estudar os déficits e as causas que levam crianças a chegar ao final dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sem saber ler. Hoje os altos índices do insucesso escolar evidenciam, em especial, na alfabetização, que o sistema educativo está falhando, já que a criança era pra sair do terceiro ano sabendo ler. É bem verdade, que a escola recebe quase todos, mas está deixando a desejar nas suas responsabilidades, na alfabetização de sua clientela nos anos de escolarização recomendados.

¹ Graduanda de Pedagogia e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em parceria com a CAPES, do Campus Avançado de Patu (CAP). ritadutrap@hotmail.com

² Graduando de Pedagogia e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em parceria com a CAPES, do Campus Avançado de Patu (CAP). mateus.ic@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Educação – Campus Avançado de Patu e Coordenadora de área do subprojeto de Pedagogia – PIBID-CAPES. suelisilva.17@hotmail.com

Essa é uma realidade notória no cotidiano escolar, afetando com muitos prejuízos o processo educativo, como também, o caminho de desenvolvimento da escrita estabelecido por Ferreiro e Teberosky (1999): pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético; sendo que estes devem acompanhar e respeitar a própria fase de aquisição do conhecimento adequada à criança. É inaceitável uma criança chegar ao quarto ano sem sequer conhecer as letras direito. O que está sendo lecionado no contexto escolar, que não se prioriza a alfabetização? Qual o estímulo que o alunado terá fora da faixa etária para aprender a ler? É preciso que os sistemas de ensino vejam a alfabetização como peça fundamental para o exercício pleno dos indivíduos nas sociedades letradas, porque esta reflete nos aspectos políticos e econômicos.

O processo de ensino e aprendizagem na alfabetização não é tarefa simples, visto que a leitura deve ser desenvolvida de forma real, natural e significativa para o aluno. É preciso levar em conta as suas vivências, os diferentes ritmos de aprendizagens e o modo singular de cada ser de aprender; isso não quer dizer que ao respeitar os ritmos e as fases de conhecimento, o professor deva se omitir de sua função de alfabetizador. Caso proceda dessa maneira, somente agravará, mais ainda, os altos índices de crianças que chegam ao quarto e quinto anos sem estar alfabetizados. Também, o professor alfabetizador não deve considerar o processo de alfabetização como algo mecânico, em que se ensina a mera codificação (representação escrita de fonemas e grafemas) e decodificação (representação oral de grafemas em fonemas) e como algo que somente depende dele, subestimando a capacidade da criança. Antes, precisa ter em mente, que é apenas um mediador e um facilitador do processo, no qual o aluno mobiliza estruturas de pensamentos e constrói relações com seu mundo real. Sendo assim, “os aspectos que podem facilitar a aprendizagem devem ser da maior responsabilidade dos professores” (CAGLIARI, 1998. P. 167).

Com base nessas reflexões, o artigo ora desenvolvido é fundamentado numa experiência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, realizada numa sala do quarto ano do Ensino fundamental, na Escola Estadual João Godeiro - Patu/RN, integrante do Subprojeto PIBID/PEDAGOGIA/CAP/UERN, em que foi concedido ao graduando bolsista de iniciação à docência a incumbência de cooperar com a professora supervisora com atividades concernentes à alfabetização. Esse desafio não foi nada fácil, já que a turma citada é bastante heterogênea, onde se pôde detectar diferentes níveis de aprendizagem da escrita: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999). Nesse caso, as dificuldades aumentaram mais ainda quando se constatou que a turma era bastante diversificada, detectando-se dois problemas: a) chegar ao quarto ano sem saber ler; b) diversidade de faixa etária acima do normal. Assim, a referência

de autores renomados que discutem a alfabetização torna-se necessária para que este texto fique mais cristalizado e ratificado em sua abordagem.

A delimitação dessa temática deve-se ao fato das inquietações suscitadas ante o desafio de alfabetizar alunos fora da faixa etária, sendo que o fato de alguns alunos já estarem na adolescência, os torna naturalmente retraídos. Não saber ler agrava o problema fazendo-os sentirem-se incapazes de aprender. Então, além de alfabetizar, tinha-se primeiramente que revitalizar o interesse e estimular o gosto pela leitura, mostrando a importância social da leitura por meio de situações do cotidiano.

O objetivo desse trabalho é justamente evidenciar as dificuldades travadas no itinerário de atuação na citada turma e, ao mesmo tempo, os meios utilizados para a sondagem das atividades executadas, a fim de averiguar se o trabalho de alfabetização estava fluindo no caminho certo. Para isso, buscou-se versar sobre a alfabetização, identificar as diferenças de níveis na turma e observar o que não estava funcionando.

Desse modo, para facilitar a compreensão desse texto, ele será elencado da seguinte forma: Alfabetização, uma questão sempre em evidência e o desafio de alfabetizar alunos fora da faixa etária numa turma do quarto ano. É primordial começar trazendo uma discussão à luz de teóricos que analisam o processo de alfabetização.

ALFABETIZAÇÃO, UMA QUESTÃO SEMPRE EM EVIDÊNCIA

Há muito tempo, no contexto escolar perduram as dificuldades de leitura, sendo isso repercutido no baixo rendimento escolar, ou no fracasso escolar, já que se sabe que o aprendizado das demais áreas do conhecimento terá maior êxito se a criança tiver um adequado suporte na alfabetização. A criança que sabe ler, conseqüentemente, terá facilidade de entender as situações propostas nas disciplinas. No processo de aprendizagem da leitura, deve acontecer simultaneamente uma interação, ao passo que a criança adquire o hábito de ler, deve vir imbuída à produção, pois as hipóteses que tirará do texto e o conhecimento prévio a levará à compreensão global do que foi lido, e, por conseguinte, a habilidade de produzir seus próprios textos. Koch (2006, p.7) postula que na leitura:

[...] o leitor, é necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido.

Realmente, esse é o ideal, todavia não é o que acontece na prática. De modo geral, nos primeiros anos do ensino fundamental, as crianças têm dificuldades de leitura, e algumas chegam até ao quinto ano sem saber ler ou lendo quase nada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) patenteiam que o fracasso escolar no Ensino Fundamental está ligado à leitura e à escrita. Isso leva-nos a uma reflexão: Será que a alfabetização está assumindo posição prioritária no exercício do magistério de alguns professores? Será que a prática da leitura tem sido enfatizada nos contextos escolares com êxito?

Levando em consideração esses questionamentos, e a preocupação que incomoda os bolsistas do PIBID e graduandos do curso de pedagogia sobre os relatos mencionados, as dificuldades de leitura são realidades patentes na turma do quarto ano, na Escola Estadual João Godeiro, Patu/RN, sendo também motivos de inquietação, uma vez que, o fato de chegar ao quarto ano sem saber ler e de está numa faixa etária acima da recomendada para a turma, dificulta mais ainda o trabalho; porquanto, os alunos se sentem desestimulados, retraídos e incapazes de aprender a ler.

Alfabetizar é um grande desafio, uma vez que, é somente pela leitura que o indivíduo se comunica de igual para igual com a sociedade, e até com a humanidade de modo geral, pois o mundo da leitura leva o indivíduo a leitura do mundo, ao conhecimento dos outros e de si mesmo, Lajolo (1997). Para Freire (1999, p.11), “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo”. Isso somente mostra que o indivíduo que não sabe ler, simbolicamente, vive como um cego em relação ao mundo da cultura e da informação, posto que, é nos escritos e na diversidade de gêneros textuais que circundam na sociedade que se compartilha o pensamento crítico de um assunto, sonhos, vivências e experiências. “Ler é valorosa ação e acontecimento para que o aluno extrapole e avance enquanto ser que pensa e descobre o pensamento dos outros, através da palavra e da sua significação” (Neto, 1988, p. 66).

O sucesso escolar da criança só será alcançado, quando o legítimo processo de leitura for assimilado e encarado com maior responsabilidade pelos profissionais da educação. O processo de leitura deve ser considerado como uma atividade interativa e individual. A criança deve ser instigada a refletir sobre o sistema linguístico, jamais desconsiderando suas vivências fora da escola e sua visão de mundo. Ela precisa estar rodeada de recursos, como, revista, jornais, livros, dentre outros; para que aguçe e otimize a aquisição. Para tanto, é primordial a intervenção do professor, visto que ele pode despertar o interesse e o gosto, envolvendo cada aluno nesse universo de conhecimento e descobrimento: descobrimento do

que a leitura representa, seu papel e sua importância na sociedade letrada. O exposto coaduna com o que Martins (2003) explicita:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

A leitura é significativa na vida de qualquer ser humano, porque ela possibilita maior conhecimento, uma compreensão e uma visão bem mais ampla da sociedade na qual se vive e, ainda, o indivíduo pode lançar mão dos saberes adquiridos no contexto sociocultural para fazê-lo melhor. Então, alfabetizar implica possibilitar situações pedagógicas adequadas para que as crianças não alfabetizadas adquiram e se apropriem da linguagem escrita de forma prazerosa, observando-a como um meio de mobilizar esses saberes na realidade.

Em face disso, a escola tem um grande desafio diante de si, pois, deve haver uma preocupação e de certa forma, uma mobilização, para converter o atual panorama deficitário em relação à leitura. A leitura é fundamental para a vida e para a formação intelectual do ser humano e é função da escola propiciar situações de intervenções para que o aluno adquira o prazer e o gosto pela leitura. Essas situações são indispensáveis para que o discente crie bons textos, embora isso não garanta a formação de excelentes escritores. Na ótica de Saviani (1986. p. 82):

É de fundamental importância à garantia de uma escola que possibilite a cultura letrada, o acesso à alfabetização e ao domínio da língua-padrão a todas as crianças, pois somente assim ocorre a formação dos cidadãos, capazes de participar nos destinos da nação, interferir nas decisões e expressar seus pontos de vista.

A discussão até aqui revela a importância que a leitura tem na vida do cidadão, pois é através dessa forma de comunicação que o indivíduo vai ficar mais consciente na sociedade para exercer sua cidadania, se comunicando de igual para igual, ciente de seus direitos e deveres na sociedade. Assim, a escola tem um grande desafio, precisa arcar com sua responsabilidade, dar acesso à criança à alfabetização e ao domínio da língua padrão. Esse trabalho deve começar pela leitura, favorecendo ao discente o contato, desde cedo, com diversos gêneros textuais, enfatizando a escrita, por meio da produção textual em interação com situações que façam parte da realidade dele.

O DESAFIO DE ALFABETIZAR ALUNOS FORA DA FAIXA ETÁRIA NUMA TURMA DO QUARTO ANO

A alfabetização é um processo que precisa de muita atenção e análise sobre o que os alunos constroem referente à escrita e à leitura, sendo este olhar investigativo do educador que faz a diferença no caminho pedagógico a percorrer. É por meio desse olhar que o professor vai descobrir que ele está lidando com sujeitos investigadores também, que criam suas próprias hipóteses sobre situações reais, que fazem parte de suas vidas. Os alunos discutem e elaboram hipóteses sobre o que está escrito nas revistas e álbuns de figurinhas; buscam decifrar palavras nos rótulos dos produtos, nos murais e nas paredes do colégio, no supermercado e até nas programações da tevê. Isto prescreve para o aluno uma condição favorável para que sua aprendizagem aconteça de forma instantânea, pelo fato de estarem ao seu redor vários recursos que possibilitam a aquisição de uma leitura adquirida ocultamente.

Isso somente mostra que o desafio de ler e escrever deve perpassar o ensinado nas quatro paredes da escola, ou seja, é preciso trazer as situações peculiares ao dia a dia do alunado para que a aprendizagem possa ser significativa. Nessa perspectiva, para facultar o acesso ao mundo da escrita, é imprescindível o favorecimento de condições, a fim de que a criança adquira a capacidade não só de ler e escrever, mas, acima de tudo, saiba utilizar a escrita nas variadas situações sociais.

Como bolsistas do PIBID, foi nos dada a responsabilidade de cooperar com a professora supervisora na sala do quarto ano na alfabetização das crianças que se encontravam numa série em que deveria dominar já a leitura. O fato de estarem numa turma com faixa etária destoante contribuía para a perda da autoestima, para deixá-las retraídas e tímidas, sentindo incapazes de aprender. Essa realidade detectada comoveu os bolsistas, pois todos em comum acordo partiram da reflexão de tais problemas, para estudar sobre a questão em foco e criar estratégias, visando seguir um método que levasse em consideração as peculiaridades da turma, para intervir no processo de ensino e aprendizagem e obtivesse êxito.

Já na atuação, pôde-se observar, identificar e analisar que a turma era bastante heterogênea; além disso, averiguou-se que o problema de leitura era mais gritante ainda. É ciente que, quanto mais diversificada a turma aumentam as dificuldades, pois os níveis de aprendizagem se confrontam a diversos fatores que comumente é detectado em sala de aula. Nesse caso, tinha-se um desafio, contribuir para a alfabetização de alunos com três níveis de aprendizagem: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético; isso fora as crianças com necessidades educacionais especiais que necessitam de metodologias inclusivas que atendam

as suas especificidades, e tratamento acolhedor por parte do professor e de seus próprios colegas para que não se sintam intimidadas. Em face disso, o trabalho de alfabetização se deteve nos dois primeiros níveis de aprendizagem e se concentrou nas crianças com necessidades educacionais especiais. Essas crianças tinham faixa etária entre dez até quatorze anos.

Diante dessa realidade, refletiu-se sobre as seguintes questões: como alfabetizar essas crianças, de forma a revigorar o interesse para a aquisição da leitura? Quais métodos seriam adequados à faixa etária? Primeiramente, era necessário partir do meio social e cultural do alunado para que a aprendizagem fosse emblemática à criança. As aulas foram desenvolvidas de forma interdisciplinar, inter-relacionou variadas disciplinas e situações advindas do contexto do aluno. Concomitantemente, nas aulas, teve-se como aportes: músicas conhecidas das crianças, vídeos e jogos pedagógicos, dinâmicas, fábulas em forma de rimas, revistas, jornais, dentre outros. Justamente, por detectar essas diferenças de níveis, decidiu-se trabalhar com atividades diferenciadas, compatíveis com cada fase de cognição. Consoante Ferreira (1988. p. 31):

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que os métodos em si) que têm efeitos mais duráveis em longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros.

Para conseguir fazer com que crianças e adolescentes na turma do quarto ano despertassem para a necessidade de aquisição da leitura, nas primeiras aulas, planejou-se mostrar situações do cotidiano em que era necessária a utilização da escrita. Inicialmente, tinha-se como objetivo a compreensão e valorização da cultura escrita, pois quando eles entendessem a importância social da escrita, conscientizariam-se que é por intermédio desta que teriam plena participação social e plena autonomia. Despertar para essa importância seria o primeiro passo para ampliar a noção de leitura e conseqüentemente, a visão do mundo.

Nessa ótica, as estratégias utilizadas procuravam mostrar que a capacidade de ler proporciona mais liberdade e independência ao indivíduo, pois facilita a convivência do homem na sociedade. É através dela que se consegue a destreza de manusear com facilidade, um celular, um computador, um videogame, identificar a hora no relógio, saber ler o preço e as informações contidas nos brinquedos, etc. Acredita-se que foi imprescindível esse momento para estimulá-los e mostrar que seriam capazes de aprender; enfatizando que era preciso

contribuir nesse processo, já que a alfabetização é desencadeada e construída pela interação permanente entre educando, educador e objeto de conhecimento. No que tange ao exposto, Ferreiro (1991, p. 9), esclarece que:

Tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de ‘maturidade’ ou de ‘prontidão’ da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizado sem que leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem (p.9).

Durante o planejamento e na própria execução das aulas, tinha-se a cautela de utilizar estratégias direcionadas à alfabetização, que estas não fossem infantis, já que a clientela era formada na sua maioria de adolescentes, mas também, que não descaracterizassem a sua própria forma de ser diante da faixa etária que possuíam. Nesse caso, observou-se nas próprias conversas dos alunos, o que os atraía, para assim planejar as aulas de acordo com a realidade próxima do alunado, a fim de que a aprendizagem tivesse sentido para eles. Além disso, refletiu-se sobre o que estava dando certo e o que não estava, a fim de redimensionar a ação pedagógica para o bom êxito do processo de ensino e aprendizagem. Tais reflexões eram suscitadas também a partir do planejamento que se executava em períodos quinzenais que possibilitavam a criação/complementação de estratégias renovadas, ante o qual a inserção de atividades que correspondessem ao calendário festivo da escola.

Partindo da visão de que a alfabetização acontece ao longo de um percurso, não se desconsiderou a complexidade do processo. O trabalho de alfabetização na sala do quarto ano foi um desafio, pois, durante o trabalho teve-se em mente a natureza do processo, o contexto, onde a ação acontecia, e as múltiplas dimensões de cada aluno, nos aspectos afetivos, cognitivos e psicológicos, uma vez que a origem, a realidade de cada um se apresenta distintamente, já que alguns alunos vêm de famílias desestruturadas, e que demonstram em sua forma comportamental atos de indisciplina. Por exemplo, observou-se esse fato na proposição de determinadas atividades, em que alguns alunos demonstraram resistência às tarefas, comportaram-se de forma indisciplinar; o que prejudicou o rendimento dos demais. Mesmo assim, considerou-se que cada um tem seu modo peculiar e seu próprio ritmo de aprendizagem, sendo fundamental respeitar essa trilha, pois diante de tais complexidades deve existir uma relação de afetividade com o alunado, pois como nos diz Cunha (2008, p. 51):

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados as possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia [...]

Desta feita, o afeto é constituído como uma ferramenta que o professor mantém para a conquista do aluno. Ademais, primordialmente, é um recurso de confiança que se estabelece entre aluno e professor no que tange ao processo que ocorre no ensino e aprendizagem. Enfim, quando se estabelece uma relação de afetividade, o professor mantém um contato direto com o aluno, permitindo conhecer aspectos que o próprio meio de ensino não possibilita. Mas a forma de companheirismo que se estabelece consegue captar subsídios que redimensionam a prática em fito, além da possibilidade tangível do aluno relatar suas próprias vontades, anseios e desejos.

Durante a atuação foi preciso, muitas vezes, acontecer à mudança de foco/objetivo por parte do mediador, pois a leitura não se desenvolve no ritmo do professor, e sim no do aluno, através da interação educando/educador/objeto do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo educativo se desenvolve num contexto de múltiplas interações, que por sua vez, exige um profissional preparado e habilitado para atuar nesse espaço tão heterogêneo. Uma boa formação é aquela que prepara o profissional para o esperado e o inesperado em sala de aula. O PIBID possibilita que o bolsista enfrente situações reais no complexo contexto da escola parceira, que o ensinam a tomar a decisão que a situação exige.

Para o perfeito andamento do trabalho de alfabetização, foi necessário um tempo dedicado ao estudo da literatura sobre problemas de leitura e de escrita, ao mesmo tempo, momentos de reflexão e de planejamento, a fim de se pensar e criar estratégias adequadas para o ensino, o que foi de suma importância, porquanto, nessas situações planejadas de reflexão e de confronto da teoria/prática é que se encontram respostas e soluções para suavizar as dificuldades constatadas no processo de ensino. Foi perceptível que, na medida em que o processo de ensino e aprendizagem melhorou, o graduando também se qualificou, reformulando novos saberes no exercício do magistério.

Foi um desafio para os bolsistas, assumir a responsabilidade de contribuir na alfabetização dos alunos com dificuldades de leitura na sala do quarto ano, visto que, durante o trabalho, da mesma forma que cooperava com situações pedagógicas, procurou-se investigar

os problemas detectados no desencadear do ensino, juntamente com a professora-supervisora e se procurou respostas na teoria para melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem no que confere aos diversos aspectos de formação humana. No entanto, diante de alguns entraves no processo, a teoria, repercutida pelos saberes disciplinares, não forneceu respostas evidentes. Então, compreendeu-se que aquele contexto era propício para aquisição de saberes experienciais, e são estes saberes que darão respostas contundentes na intervenção em sala de aula, e serão subsídios para futura profissionalização do pedagogo.

Isso posto, infere-se que as práticas pedagógicas vivenciadas foram e são relevantes para a formação do licenciando, pois, somente é possível construir a identidade pedagógica ante os desafios, já que estes fazem com que o bolsista mobilize uma gama de conhecimento para mitigar os problemas da prática educativa, ao passo em que, propiciará o aperfeiçoamento de sua formação e aquisição de saberes experienciais. Isso porque, o profissional somente construirá o seu saber-fazer a partir de seu próprio fazer.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. Ed. Scipione. São Paulo. 1998.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 37. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FONTANA, Roseli e CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- FERREIRO, E. **Reflexões Sobre Alfabetização**. 13ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. **Reflexões sobre alfabetização**. Editora Cortez. São Paulo. 1991.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FAZENDA, Ivani C. Arantes. A construção de um método fundamentado na ação. In: **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 15. Ed. São Paulo: Papirus, 2008. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. A prática da Leitura. In: GERALDT, J. Wanderley (org.) **O texto em sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

NETO, Antonio Gil. **A produção de textos na escola:** uma trajetória da palavra. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

SAVIANI, Demerval. Educação, cidadania e transição democrática. In: COVRE, Maria de Lourdes Manzini, org. **A cidadania que não temos.** São Paulo. Brasiliense, 1986.